



TEMAS DE PASTORAL

Pensar e propor a fé no mundo contemporâneo a partir da categoria da experiência

Thinking and proposing faith in the contemporary world from the category of experience

Pensar y proponer la fe en el mundo contemporáneo desde la categoría de experiencia

Valdete Guimarães¹

orcid.org/0009-0000-6238-8096

valdeteguimaraes.sc@gmail.com

Recebido em: 1 jul. 2024.

Aprovado em: 21 maio 2025.

Publicado em: 19 dez. 2025.

Resumo: A proposta da fé hoje, a partir da categoria da experiência, enquadra-se na grande tradição da epístola de Pedro (1Pd 3,15), carta magna da teologia e da fé cristã em todos os tempos. Desde os primeiros séculos, o cristianismo se empenhou a dar razões de sua esperança a todo aquele que dela lhe pedisse conta. O desafio que se levanta para a teologia e a pastoral é justamente o de ir descobrindo o modo em que o próprio Deus está agindo na sociedade contemporânea e propor o Evangelho de forma que esse possa ser acolhido a partir da vida cotidiana das pessoas. A tarefa da evangelização consiste em contar com os dinamismos culturais em curso e colocar-se ao serviço dos "começos" ou "recomeços" da fé. A proposta para pensar a fé é recuperar a busca de sentido, onde a experiência ocupa um lugar privilegiado e pode emergir como novo paradigma que contribui para responder aos apelos da sociedade e suas exigências no campo da fé.

Palavras-chave: Fé. Experiência. Evangelização. Mundo.

Abstract: The proposal of faith today, from the category of experience, fits into the great tradition of the Epistle of Peter (1Pt 3,15), the magnum opus of theology and Christian faith at all times. Since the first centuries, Christianity has strived to give reasons for its hope to anyone who asked for it. The challenge that arises for theology and pastoral care is precisely to discover the way in which God himself is acting in contemporary society and to propose the Gospel in such a way that it can be welcomed in people's daily lives. The task of evangelization consists of taking into account current cultural dynamisms and placing ourselves at the service of the "beginnings" or "new beginnings" of faith. The proposal for thinking about faith is to recover the search for meaning, where experience occupies a privileged place and can emerge as a new paradigm that contributes to responding to the calls of society and its demands in the field of faith.

Keywords: Faith. Experience. Evangelization. World.

Resumen: La propuesta de fe hoy, desde la categoría de la experiencia, se encuadra en la gran tradición de la Epístola de Pedro (1P 3,15), obra maestra de la teología y la fe cristiana de todos los tiempos. Desde los primeros siglos, el cristianismo se ha esforzado en dar razones de su esperanza a todo aquel que la pedía. El desafío que se plantea a la teología y a la pastoral es precisamente descubrir el modo en que Dios mismo actúa en la sociedad contemporánea y proponer el Evangelio de manera que pueda ser acogido en la vida cotidiana de las personas. La tarea de la evangelización consiste en tomar en cuenta los dinamismos culturales actuales y ponerse al servicio de los "comienzos" o "nuevos comienzos" de la fe. La propuesta para pensar la fe es recuperar la búsqueda de sentido, donde la experiencia ocupa un lugar privilegiado y puede emerger como un nuevo paradigma que contribuya a responder a los llamados de la sociedad y sus demandas en el campo de la fe.

Palabras clave: Fe. Experiencia. Evangelización. Mundo.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí (ICESPI), Teresina, PI, Brasil.

Introdução

É importante salientar que a Boa Nova de Jesus Cristo, anunciada na primeira hora pelos discípulos de Jesus, a que cativou milhões de pessoas e seduziu tantos seguidores, não perdeu sua força, mas os moldes de seu anúncio não se encaixam mais no perfil do homem e da mulher atuais. O cristão do nosso tempo é marcado por um novo contexto epocal e os ensinamentos da Igreja, cuja voz ressoava unívoca até algum tempo atrás, não encontram mais tanta acolhida no interior das pessoas.

Em meio ao pluralismo atual, é importante levantar a pergunta sobre de que modo podemos reencontrar a fé cristã hoje? Sem a intenção de minimizar a amplitude da crise que afeta a transmissão da fé, acolhemos nossa época como um tempo de germinação e, deste modo, nos sensibilizamos aos lugares em que a fé "começa" ou "recomeça" de novo, tanto dentro das comunidades cristãs, como fora delas. A narração da experiência com Jesus é a regra de fé da vida cristã que continua a inspirar cristãos de todos os tempos.

O desafio que se levanta para a teologia e a pastoral é justamente o de ir descobrindo o modo em que o próprio Deus está agindo na sociedade contemporânea e propor o Evangelho de forma que esse possa ser acolhido a partir da vida cotidiana das pessoas. A tarefa da evangelização consiste em contar com os dinamismos culturais em curso e colocar-se ao serviço dos "começos" ou "recomeços" da fé, que já está presente tanto naqueles que querem dela se aproximar pela primeira vez, como naqueles que procuram dela dar razão de forma nova. Esta nova forma não passa pelos caminhos da obediência servil, mas da busca de sentido, onde a experiência ocupa um lugar privilegiado e pode emergir como novo paradigma que contribui para responder aos apelos da sociedade e suas exigências no campo da fé. A pedagogia cristã deve passar muito mais pela questão do diálogo do que pela imposição de verdades prontas (Sesboué, 2009, p. 291).

A reflexão discorre sobre alguns aspectos considerados relevantes no âmbito da expe-

riência da fé: 1. Experiências de fé no mundo contemporâneo. 2. Da prática do enquadramento à proposta generativa da fé; 3. Ser cristão hoje: a centralidade de Jesus de Nazaré. 4. O lugar da espiritualidade cristã no mundo atual. 5. Experiência da maturidade cristã. 6. Renovar-se a partir da experiência originária.

Essa abordagem tem como pano de fundo o objetivo de mostrar como é possível propor a fé em categoria de experiência no mundo contemporâneo. Novas perguntas aparecem com o passar do tempo e se requer novas respostas para que a experiência Pascal continue oferecendo sentido e suscitando buscas.

1 Experiências de fé no mundo contemporâneo

A proposta em dizer a fé a partir da experiência pode ser conciliada com a orientação da "pastoral de gestação". O termo "gestação" é rico de conotações e abre perspectivas de uma grande densidade existencial. Ligada ao dom da vida e aplicada de forma analógica à dinâmica da fé, a expressão chama atenção justamente para o compromisso com o cuidado da vida em todas as suas dimensões. Essa proposta da gestação surge como expectativa otimista em meio a uma realidade em que as práticas cultuais da fé tornaram-se, muitas vezes, incompreensíveis e obstaculizadoras de uma vivência livre.

As comunidades que entram em processo de gestação aos poucos vão se ocupando mais com a intensidade da experiência pessoal de Deus do que com o objeto a ser transmitido. A partir deste ponto de vista – da dinâmica da gestação da fé – nossa atenção não deve recair somente na preocupação em suscitar novos cristãos e tampouco em descobrir estratégias pastorais eficazes. Ao propor a fé hoje, devemos nos perguntar de que modo Deus está agindo para chegar até o homem e a mulher atuais e desta forma compreender qual é a relação que Ele deseja estabelecer com as pessoas das quais estamos nos aproximando.

Este proceder evidencia um desvio significativo no centro de interesse: a dinâmica da fé está em

Deus e não no ser humano que, por sua vez, é chamado a adotar uma atitude de discernimento para perceber como as pessoas são conduzidas para Deus. A partir deste ponto de vista, a Igreja também é convidada a colocar-se à escuta de Deus no mundo, adotando muito mais uma conduta de desprendimento do que de domínio. Estamos acostumados a assumir a posição de testemunhas e propor o Evangelho com a intenção de converter as pessoas. Antes de perguntar qual seria o anúncio do Evangelho que deve ser transmitido em tempos atuais, deveríamos nos questionar sobre qual é o anúncio que nos é transmitido pessoalmente (Fossion, 2015, p. 91). A inversão da pergunta mostra que, em primeiro lugar, a necessidade não é a preocupação com o que dizer aos outros, para tocá-los e convertê-los, mas a volta para o próprio interior, numa atitude de escuta e metanoia.

Esta experiência de escuta interior torna possível o encontro com Deus e, por isso mesmo, pode ser definida como "experiência de fé ou experiência de Deus" (Van Roo, 1985, p. 611-640). Tal experiência nos impulsiona a sair de nós mesmos, de nossos hábitos e dos próprios lugares para nos abirmos a espaços livres, comunitários e fraternos, onde a fé cristã pode emergir com uma renovada pertinência na busca de mais humanidade e de melhor qualidade de vida. De fato, a experiência de Deus nos faz sensíveis aos lugares e às interrogações onde a fé "começa" ou "recomeça" revisitando tudo aquilo que diz respeito a ela, com novo "frescor" (Theobald; Bacq, 2013, p. 97).

Sem a experiência de fé, o ser humano não poderá captar a ação de Deus no mundo, porque a autocomunicação divina só chega à sua meta na medida em que é acolhida pelo humano. Portanto, o acolhimento na fé é parte constitutiva da realidade da Revelação, pois Deus desvela, nas palavras e nos fatos históricos, sua própria presença e atuação no mundo. Sem a experiência de fé, os feitos históricos de Deus em favor de seu povo passariam despercebidos e a verdade sobre Jesus Cristo seria desconhecida.

Fundamental aqui é observar que a experiên-

cia de Deus não é um produto da interpretação humana, mas que acontece por pura iniciativa do próprio Deus que vem ao encontro do ser humano. Este dado distingue a noção teológica de experiência religiosa das outras leituras de cunho fenomenológico, que nem sempre respeitam os limites da própria perspectiva e do nível epistemológico em que são pensadas. Como consequência desta verdade, devemos afirmar que a experiência de Deus é deliberada por Deus.

Apresentar a experiência de Deus como dinâmica de abertura ao mistério é compreender a fé enquanto um processo, no qual cada pessoa vai entrando em relação com Deus e gradativamente vai gestando seu caminho. Neste sentido, nossas comunidades devem ter sensibilidade para acompanhar esta gestação. Sem colocar de lado os aspectos organizacionais e institucionais, a prioridade necessária é construir relações de proximidade, em que os cristãos vão colocando os carismas recebidos do Espírito a serviço e acolhendo os dons concedidos uns aos outros (Rm 12,4-10).

No mundo de hoje, libertado da necessidade de Deus, a fé cristã não deve mais ser proposta como necessária, mas experimentada como preciosa. É neste paradoxo que se encontra hoje o anúncio cristão: tornar precioso e desejável o que não é necessário. Deste modo, experimentamos um Deus não da necessidade, mas o Deus da graça que nos dá liberdade de amá-lo. Mais do que obrigação, a fé deve ser dita através do testemunho, da proposta e do convite, pois o mundo de hoje está liberto da necessidade de Deus (Fossion, 2015, p. 16).

Neste cenário, a Igreja não pode mais falar em nome de uma autoridade espontaneamente reconhecida na sociedade. Eis que se tornou uma voz entre as muitas vozes que hoje ecoam em favor dos direitos verdadeiramente humanos dos homens e das mulheres. É importante que esta voz possa ser ouvida em seu tom mais evangélico possível, mostrando que, para além da necessidade, a fé cristã deve ser experimentada como a pérola rara do Evangelho: uma vez encontrada torna-se o bem mais precioso (Mt 13,45-46).

2 Da prática do enquadramento à proposta generativa da fé

De acordo com a nova proposta de fé que elucidamos anteriormente, se faz evidente que devemos superar o antigo modelo de propor a fé, segundo a prática do "enquadramento". Conforme essa prática, as pessoas se empenham no anúncio da fé com um imaginário de empresa e de empreendimento, efetuando sua ação com base tanto em um espírito nostálgico de restauração daquilo que era, como a partir de um empenho progressista, apontando para grandes novidades que serão empreendidas. Nos dois casos conflui o mesmo imaginário de empresa e de empreendimento, como se tudo dependesse de quem se coloca a serviço da evangelização. Tal visão é sustentada por um ativismo que pode levar ao sentimento, de um lado, de nunca ter feito o suficiente e, de outro, de impotência e derrotismo diante das resistências encontradas.

Esta forma de propor a fé pode levar, tanto o anunciador como os receptores, ao distanciamento da verdadeira mensagem evangélica. A busca pelo produto, provindo da eficiência de nosso trabalho, pode ofuscar os valores que o Evangelho nos propõe. Muitas vezes, as empresas não têm valores ou princípios, existindo para atender os desejos dos consumidores. A Igreja, ao contrário, independe da vontade dos "consumidores" e deve seguir algumas verdades e valores que não pode e nem deve renunciar. Se não percebermos esta diferença fundamental, a vontade de sermos mais eficientes na pastoral pode nos levar ao equívoco de reduzirmos a evangelização ao círculo de eficiência do mercado.

A prática generativa da fé vai além da proposta do enquadramento, pois consiste em acompanhar a regeneração da fé, compreendendo que não somos os mestres. Trata-se de aproveitar as novas oportunidades que se oferecem para o anúncio do Evangelho, muitas vezes sem termos programado realizar algum anúncio. Esta prática chama a atenção para aceitarmos que certas expressões de fé devem ceder lugar a outras que estão nascendo, em respostas às novas urgências da sociedade atual. Certas práticas

que no seu tempo tiveram sua própria nobreza devem servir de motivação para que, em tempos atuais, possamos nos colocar a serviço do novo, tomando decisões que libertem as pessoas de um mecanismo fechado e colocando a confiança em forças que não são as nossas. Em tempos atrás, "as pessoas tornavam-se cristãs quase que como por osmose, adotando as maneiras de pensar, os comportamentos e as práticas do ambiente a que pertenciam" (Bacq, 2013, p. 8). Esta metodologia já não condiz com a realidade atual.

Certamente hoje não se vive menos a fé do que ontem, mas talvez já não se celebre no mesmo ritmo e enquadramentos. A transmissão da fé não pode mais funcionar à maneira antiga de adesão a uma doutrina, mas deve passar pela inscrição do testemunho, no enunciado da verdade em primeira pessoa (Donegani, 2013, p. 54). Passar de uma prática do enquadramento para a proposta da gestação é considerar que as pessoas não são receptoras passivas, mas homens e mulheres que atestam a liberdade de Deus. Da mesma forma, convém aceitar que a Igreja não é detentora da verdade sem partilha.

Na perspectiva da prática generativa ou da gestação, devemos levar em conta a condição de todo nascimento. É uma imagem que mostra que a realidade foge de nosso domínio! A imagem materna da geração espelha muito bem esta dinâmica: o filho que a mãe gera é sempre diferente dela mesmo e, apesar de ela estar na origem da geração, ele vai se distanciando desta presença. Deste modo acontece a transmissão da fé: não na ordem da clonagem, mas do advento, pois objetivo principal da prática da gestação é suscitar vida (Bacq, 2013, p. 20).

O ser humano é capaz de Deus por si mesmo e nós não temos o poder de produzir nele esta capacidade. A fé será sempre uma surpresa, fruto da graça e da liberdade e não resultado de nossos empreendimentos. O que cabe a nós, nesta tarefa, é velar pelas condições para que a graça se torne possível.

Sem a pretensão de apresentar soluções para os problemas enfrentados, Fossion (2006, p. 113-111) elenca algumas atitudes espirituais que

favorecem o serviço à fé, de acordo com a proposta da gestação. Seguiremos apresentando e comentando algumas dessas atitudes:

Permanecer destinatários do Evangelho

Esta disposição lembra que, mesmo tendo a missão de transmitir o Evangelho, continuamos sendo seus destinatários, sem pretensão de poder ou de saber. Se permanecermos destinatários do Evangelho, estaremos atentos à uma leitura pessoal dele, para somente depois nos colocarmos à disposição do anúncio.

O Evangelho nos convida a deslocar

A palavra do Evangelho nos move a sair de nossas acomodações pessoais e a nos colocarmos a serviço do outro, onde houver necessidade. É importante perceber que, neste deslocar-se, somos sempre precedidos pelo Espírito de Cristo, que já está lá. A fé é um caminho de reconhecimento daquilo que já está, certamente, dado. Somos pessoas do caminho, o caminho de Jesus. Não temos respostas prontas, mas temos uma ideia da direção que nos foi apontada por Jesus.

Fazer-se acolher enquanto se acolhe

Nesta atitude paira o convite que vai além da atitude de acolhimento de nossa parte. O acolher pode nos colocar numa atitude de superiores àquele que é acolhido, dificultando, assim, o diálogo evangélico autêntico. O movimento que o Evangelho nos ensina é outro. Convida a nos deslocarmos até o outro para recebermos a sua hospitalidade: "Hoje preciso entrar em sua casa" (Lc 19,5); "Quem vos recebe, a mim recebe" (Mt 10,40); "Eis que estou à porta e bato" (Ap 3,20).

Humanizar e fraternizar os espaços da fé

Para o cristão, a humanização está em primeiro plano, não como estratégia pastoral para anunciar o Evangelho, mas como escola de vida. No entanto, a humanização-fraternização constitui o solo favorável ao anúncio do Evangelho, num clima de fraternidade para além de toda a vontade de posse sobre o outro. Sendo em si mesmo

um ato de caridade, o anúncio evangélico deve ser realizado independente da resposta do outro.

Fazer a diferença entre crer com e crer como

Em tempos atuais, é bom ter presente que não cremos como nossos avós, e nossos netos não crerão como nós. No entanto, mesmo com esta diferença, é possível vivenciar a comunhão de fé. Se quisermos que cada um creia como nós, correremos o risco de obstruir a fé aos nossos estreitamentos, à sua maneira de habitar a fé. Tiago, ao se referir aos judeus convertidos ao cristianismo que queriam impor aos pagãos tornados cristãos aos seus próprios costumes, afirma que não devemos importunar os pagãos que se converteram a Deus (At,15,19). Este relato das origens cristãs nos orienta a respeitar o processo do outro, para que ele possa nascer de acordo com sua própria maneira de assimilar a mensagem cristã e de se tornar discípulo de Jesus.

Fossion (1996 apud Nolan, 2001, p. 110) afirma que "num tempo de mutação, é necessário deixar espaço à emergência de uma biodiversidade eclesial, que dá direito às aspirações e à singularidade das pessoas e facilita a graça de se tornar cristão". É importante ressaltar que a transmissão da fé implica sempre uma novidade, e neste sentido sobressai a diversidade, ligada à unidade.

Pedir e receber ajuda

Esta disposição diz respeito à realização da evangelização em todos os momentos de nossa vida, não somente quando nos sentimos fortes, mais ainda quando nos faltam forças para prosseguir. Neste momento devemos pedir ajuda, não somente no seio da comunidade cristã, mas também extramuros. Precisamos aprender que a "perda do controle" pode ser um momento favorável para encontrar forças aliadas, como pessoas, associações pertencentes ou não à comunidade cristã, mas que se mostram dispostas a favorecer a validade da tradição cristã no seio da sociedade num espírito de bondade e apoio a tudo o que faça, solidariamente, a nossa humanidade.

As atitudes mencionadas, e outra lista numero-

sa que deixamos de mencionar, podem favorecer a gestação da fé em meio a nossa realidade hoje, pois face aos incontáveis desafios impõe-se um refinamento da consciência ética que acompanha uma procura de sentido. No entanto, é importante ressaltar que estas disposições não são medidas pelas estatísticas de participação na eucaristia dominical, mas afloram a partir da experiência pessoal e comunitária, em que a fé vai se gestando para além de estereótipos.

3 Ser cristão: a centralidade de Jesus de Nazaré

A proposta da gestação da fé na experiência pode soar como um aporte significativo na dinâmica do seguimento de Jesus hoje, pois nos remete à centralidade do cristianismo ligado intrinsecamente à vida de Jesus de Nazaré. A teóloga Vera Bombonato (2002, p. 335), dialogando com Jon Sobrino, afirma que "o seguimento só pode ser concretizado levando em conta dois fatores determinantes: a memória viva de Jesus de Nazaré; e as situações históricas em que se vive". Na construção da identidade cristã, torna-se necessário estabelecer uma relação adequada entre estes dois polos: de um lado a fidelidade a Jesus, que nos inspira a reproduzir sua história e, de outro, a abertura ao Espírito, para responder aos seus apelos a partir da realidade na qual estamos inseridos.

Levando em conta a categoria da gestação, refletida anteriormente podemos afirmar que a fé do cristão, gestada na experiência com Jesus, deve conservar os mesmos traços que marcaram a vida do mestre. É exatamente essa configuração que traça o distintivo da vida cristã no mundo. Uma vida marcada pela esperança, alegria e liberdade, imersa na dinâmica da misericórdia e compaixão.

A esperança cristã, muitas vezes, é descoberta no limite da vida, quando as forças nos parecem findar. Neste momento, a experiência de Jesus no Gólgata, quando aparentemente não havia mais esperança, torna-se imperativa. O gesto que realizou naquele momento apontou uma esperança maior: "Isto é o meu corpo". O cristão

também é chamado a "fazer gestos criativos que não só falem de esperança, mas sejam sinais de que aquilo que se almeja já está seminalmente vivo em nós" (Radcliffe, 2001, p. 21). Estes sinais que apontam para a verdadeira realidade podem tornar-se suscitadores de alegria nas pessoas. A alegria é outra marca característica do cristão.

É importante observar que a alegria cristã não significa hilaridade, nem ausência de tristeza. O oposto de alegria não é a tristeza, mas a dureza de coração que faz o ser humano construir um muro, tanto diante da felicidade quanto da tristeza das outras pessoas. No tocante à liberdade, em Jesus ela sempre esteve marcada com a profunda atitude de obediência que Ele conservou em relação ao Pai. Desta atitude obediente a Deus deve também partir a liberdade do cristão. As palavras de Radcliffe (2001, p. 21), a este respeito, são ilustrativas:

O que precisamos entender é que em Jesus, em primeiro lugar, e depois em nós mesmos, é que o destino traçado por Deus para o ser humano implica uma passagem, uma ascensão, uma entrada nas profundezas dos designios de Deus e, portanto, de seu cumprimento.

Ao testemunhar a vida de Jesus, os relatos neotestamentários não têm medo de afirmar que, embora sendo Filho, Jesus teve que fazer um caminho de escuta e de obediência, aprendendo a vontade de Deus (Hb 5,7-10). E muitas vezes esta experiência de obediência a Deus emergiu no sofrimento: são experiências provadas (Hb 5,7 et seq.; Jo 10, 27). Os Evangelhos deixam claro que o centro articulador da vida de Jesus foi uma atitude de obediência ao Abba. Assim como a de Jesus, a liberdade cristã deve se caracterizar pela obediência a Deus, possibilitando que as pessoas realizem experiências libertadoras.

Em consonância com o pensamento de Jon Sobrino, cuja voz ecoou em favor dos pobres e marginalizados da história, é possível afirmar que "a compaixão definiu Jesus" (Sobrino, 2001, p. 92). Foi a partir da misericórdia assumida em sua vida e em sua missão que Ele também definiu Deus como o Pai cheio de misericórdia (Lc 15, 11-32). Olhando para Jesus, o cristão deve ter cuidado

para não reduzir a misericórdia e a caridade às obras de misericórdia.

Estas características marcantes na vida cristã, brevemente descritas, nos mostram que o seguimento exige responsabilidade pessoal e contextualização histórica. O seguimento se realiza nas vicissitudes da história, na luta contra as forças demolidoras do antirreino e por isso está sujeito à experiência do limite, da nuvem do "não saber" e do "não entender". Sendo assim, só pode ser realizado na força do Espírito. O Espírito é a memória que faz o cristão voltar sempre de novo a Jesus de Nazaré e os capacita a um caminhar real e atualizado ao longo da história.

Portanto, longe de ser estática e atemporal, a identidade cristã é entendida como uma realidade dinâmica, onde os cristãos vivem o seguimento de Jesus como ressuscitados, a partir das condições históricas.

À guisa de conclusão, afirmamos que a vida cristã se caracteriza pela experiência que vai sendo gestada com o ressuscitado. Experiência proveniente do mesmo Espírito que inflamou o cristianismo nascente. Experiência que não permaneceu confinada a cada indivíduo, mas ganhou, necessariamente, uma dimensão comunitária. Assim foram gestadas e nasceram as primeiras comunidades, alicerçadas na mesma proclamação de fé: o que se proclama é a existência de Cristo e, com Ele, a do cristão que pauta sua própria vida na mesma vida de Cristo.

4 O lugar da espiritualidade cristã no mundo atual

Em tempos atuais, vivemos num mundo plural em todos os terrenos: político, social, cultural e religioso, fazendo emergir um discurso permeado seja pela secularização, seja pela convivência com as diferentes religiões (Bingemer, 2003, p. 361-374)². Uma característica marcante do pluralismo religioso na atualidade é a peregrinação pelas diferentes propostas religiosas que

compõem o campo religioso, de forma que o sujeito faz sua própria composição religiosa com elementos e propostas diferentes.

Ser cristão, hoje, não tem a mesma evidência que tinha no passado e o cristianismo é chamado a encontrar um lugar em meio a esta pluralidade de tradições e confissões religiosas. Se antes a religião se apresentava com um núcleo objetivo a ser crido e aceito pelo fiel, agora ela chega como resposta às necessidades subjetivas de demandas religiosas a serem satisfeitas. O sagrado não mais se encontra prisioneiro das estruturas formais das religiões, mas se emancipa e transita livremente pelas fendas da sociedade pós-moderna fragmentada. As instituições religiosas tradicionais já não têm força para propor um referencial "religiosamente correto" e o sagrado se encontra pululando em diversos ambientes que vão surgindo com o intuito de oferecer respostas às buscas por uma espiritualidade que seja capaz de satisfazer as necessidades do homem e da mulher pós-modernos. O interesse pela espiritualidade vem junto com a busca do tão sonhado equilíbrio humano, que se encontra esfacelado.

Diante dessa realidade em que se encontram, hoje, os homens e as mulheres, o cristianismo sente-se interpelado a viver sua identidade, reencontrando uma maneira de dizer a fé de forma que seja significativa para esses homens e essas mulheres. Uma das questões que merece ser tratada com atenção diz respeito à espiritualidade. Sendo a espiritualidade um marco importante dentro do horizonte cristão atual, ela vai se tornando o eixo movedor dos outros âmbitos da fé.

Schillebeeckx lembra que o interesse pela mística e pela espiritualidade, já desenvolvido a partir dos últimos decênios do século XX, está ligado ao sentimento de impotência social e política. O risco está na passagem desenfreada de um compromisso com a práxis transformadora para uma espiritualidade intimista com um fortíssimo acento neocapitalista burguês. Em decorrência, muitos cristãos já não fazem a experiência de que

² O fenômeno da pluralidade religiosa sempre esteve presente na história do cristianismo. Desde os seus primórdios, o cristianismo, nascido no seio judaico, procurou se comunicar no mundo pagão e politeísta da Grécia e Roma antigas. Na Idade Média, a Reforma Protestante rompeu a univocidade da cristandade. Com a Pós-modernidade a religião aparece de forma não mais institucionalizada, mas plural e multiforme.

o cristianismo é, antes de mais nada, um Evangelho feliz, felicitante e portador de esperança, um caminho de vida (Schillebeeckx, 2007, p. 409).

Um enfoque importante na esfera da espiritualidade para os dias de hoje nos é dado pelo teólogo salvadorenho Jon Sobrino, que considera a espiritualidade a partir de duas perspectivas complementares: como dimensão fundamental do ser humano e como seguimento de Jesus. A vida espiritual de todo ser humano oferece a ele a capacidade de enfrentar a realidade e agir diante dela a partir do núcleo de seu próprio ser. A espiritualidade cristã consiste, portanto, na "reprodução" e atualização de sua vida histórica, realizando as mesmas opções que Ele realizou (Sobrino, 1992, p. 24).

É significativo acentuar, aqui, que toda a espiritualidade deve se inscrever no coração da experiência pessoal de cada indivíduo que se põe a caminho do mistério de Deus, num ato de libertação de tudo o que acorrenta e destrói a pessoa. Viver uma espiritualidade é mais do que praticar uma religião, é um estilo de vida que acontece através das ideias, das atitudes, das atividades, das imagens e das crenças. Uma espiritualidade deve estar consciente das questões levantadas pelas transformações aceleradas do nosso mundo, favorecendo uma experiência de Deus encarnada.

No entanto, não podemos deixar de apontar a explosão de grupos e movimentos religiosos que se enveredam por espiritualidades de vivências irracionais, carregadas de piedade e sentimentalismos. Essa profusa e difusa busca de espiritualidades, numa fusão de diferentes e até contraditórias vivências de intimismo, não conduz a uma autoimplicação da pessoa, de sua história pessoal e de engajamento de seu próprio eu. Neste sentido, dimensões importantes devem ser levadas em conta na reflexão sobre a espiritualidade, principalmente em se tratando de uma espiritualidade cristã. Seguiremos elencando algumas.

Em primeiro lugar, deve-se considerar a neces-

sidade em suscitar espiritualidades que alimentem a vida em si. A vida deve ser preservada em todas as suas dimensões e, por isso, se constata a primordialidade da busca de uma espiritualidade que favoreça o desejo de uma existência em plenitude, da autorrealização humana. O próprio Evangelho evoca a promessa de plenitude em Cristo (Cf. Jo 1,16). Tal experiência de plenitude acontece quando somos capazes de regressar às próprias fontes, edificando a interioridade, na busca cotidiana do essencial que faz participar do infinito em si mesmo (Daviau, 2013, p. 182).

Valorizando a vida em primeiro lugar, o Evangelho nos mostra que certo número de pessoas que cruzam com Jesus ascendem à sua própria humanidade sem, contudo, se tornarem discípulos de Jesus. Em primeiro lugar, o Evangelho é uma escola de humanidade que, sem monopolizá-la, liberta-a, promovendo a vida³. Os relatos evangélicos também nos mostram que no atravessar o limiar completamente humano, as pessoas são levadas a interessar-se por Jesus e entram num processo de maturação até identificar-se com Ele (Cf. Gl 2,20). Devemos tornar possível a passagem da "fé humana" para o nascimento de uma espiritualidade cristã, apoiada em atitudes de gratuidade, para que as pessoas sintam que o acesso a Cristo é uma "boa notícia" e não uma exigência imposta.

A espiritualidade cristã também deve cultivar a ternura e a compaixão evangélicas, passando de relações de domínio para experiências de reciprocidade, de ternura, de compaixão e de caridade. A alteridade pode tornar-se um modo da expressão de identidade espiritual: existir em relação é compreender que ninguém existe isoladamente. Nossa relação com Deus não pode deixar de assemelhar-se à nossa maneira de nos relacionarmos com os outros. A espiritualidade que nos move até Deus abre perspectivas para refazermos nossas relações comunitárias e os espaços interiores, a partir de uma unidade que agrega e cria comunhão.

Outro elemento a ser considerado na espiri-

³ Os relatos da cura da mulher que sofre hemorragias (Mc 5,25-29, Mt 9,20-22, Lc 8,43-48) e do encontro de Jesus e a Siro-fenícia (Mc 7,24-30; Mt 15, 21-28), apresentam claramente esta realidade.

tualidade cristã é o compromisso responsável e solidário na sociedade, responsabilizando os homens e as mulheres para transformar os sistemas políticos, econômicos e culturais, tornando a vida mais digna. Insurgir-se contra os sistemas opressores e solidarizar-se com os menos abastados, faz parte da realização espiritual, baseada no Evangelho: "Aquilo que fazeis aos mais pequeninos dos meus, é a mim que o fazeis" (Mt 25,40). Jesus nos ensina a sair de nós mesmos e servir os outros na gratuidade e sem julgamento.

A articulação de novos lugares possíveis para viver a espiritualidade cristã é um fator positivo a ser considerado, pois pode abrir espaço para o diálogo com outras tradições religiosas, ao qual somos chamados a viver com espírito desarmado e aberto. Dialogar não significa entrar numa luta para vencer, mas abrir-se para olhar, escutar e aprender. Aprender até mesmo sobre a própria espiritualidade mediante o outro. Esta atitude de abertura cristã à maneira plural de ser pode enriquecer a espiritualidade que, ao proclamar a existência de um só Deus, mesmo que chamado por muitos nomes, deixar-se-á experimentar em toda a sua verdade e transcendência.

Após acentuar as características marcantes da espiritualidade cristã, somos convidados a rearticular o essencial da mensagem evangélica para hoje, a propor modalidades de caminhos evangelizadores que levem em conta uma espiritualidade que ajude a pessoa a fazer experiência pessoal com Deus e a tornar-se um cristão comprometido no mundo. Quem acolhe viver os traços da espiritualidade cristã, também se coloca numa atitude responsável diante da vida, não fica girando como um satélite ao redor das realidades que o afastam da vivência cristã. Mas, ao contrário, no centro de sua vida coloca a graça de Deus e ao redor deste centro, giram a suas opções.

Esta visão de espiritualidade está alicerçada na bipolaridade da existência cristã, que reconhece nela a coexistência do elemento histórico: o serviço ao ser humano; e o elemento transcendente: o conhecimento de Deus e a fé em Deus. Neste sentido, sabemos muito bem que a transcen-

dência não é diretamente acessível, e precisa da mediação histórica, assumida de acordo com o projeto de Deus. No entanto, assumir uma espiritualidade alicerçada no projeto de Deus e encarnada na história, pressupõe uma dinâmica humana amadurecida.

Sobre a experiência da maturidade cristã, refletiremos no próximo item.

5 A experiência da maturidade cristã

Como foi dito acima, o caráter experiencial da fé se evidencia com urgência em nosso contexto atual, que continua sendo o lugar privilegiado para se experimentar Deus. Porém, apesar de defender a análise positiva do mundo contemporâneo, devemos reconhecer que desta realidade emergem muitas nuances que destoam do centro da fé cristã vivenciada desde a origem do cristianismo e testemunhada ao longo dos séculos pela Tradição. Assegurar os valores da fé e dar razões dela continua sendo um imperativo cristão para o nosso tempo e só é possível por meio de uma boa dose de maturidade cristã. Neste sentido, devemos ter cuidado para que as experiências religiosas não sejam geradoras de espiritualidades prenes de sentimentalismos, desligadas da dinâmica social, com tendência ao retorno à leitura mítica, milagrosa e intervencionista de Deus.

Diante desta situação, urge promover experiências de fé em consonância com a dos primeiros discípulos de Jesus, pois é tarefa da catequese e de toda a evangelização favorecer uma formação atualizada para que os cristãos modernos vivam com maturidade a sua fé no Deus de Jesus. Deste modo, devemos cuidar do "começo" ou do "recomeço" da fé para que as pessoas que dela se aproximam não mergulhem em experiências infantilizadoras voltadas à uma dinâmica interna, pessoal e, muitas vezes, subjetivista.

Neste universo de busca do religioso percebemos que, se algumas pessoas se sentem atraídas por estas espiritualidades imaturas, outras chegam a percorrer um verdadeiro turismo religioso experimentando as várias espiritualidades embrenhadas no subjetivismo pós-moderno, mas não

se satisfazem com nenhuma delas. Porém, para um grupo que está regressando à fé, o importante é reorientar a própria história, compreendendo os motivos que o fizeram afastar-se, bem como as razões que poderiam reaproximá-lo, evitando agora as representações religiosas estéreis ou alienantes que outrora tinham aderido.

Sob este ponto de vista, a nova caminhada de fé proposta às pessoas aparece como uma verdadeira reconstrução feita de abandonos e de aprendizagens, sendo capaz de reconduzi-las às questões primordiais dos começos da fé.

No entanto, só é possível articular a pertinência da experiência primigênia em nosso mundo contemporâneo se o crer hoje estiver sustentando por uma postura adulta daquele que se aproxima da fé. O novo modelo de crente que desponta no horizonte só poderá sê-lo por opção pessoal e livre para experimentar a proposta de Jesus Cristo e deixar-se guiar por ela.

Nesta lógica, juntamente com a proposta da experiência de fé, ainda se faz necessário uma experiência de maturidade humana, abarcando os três níveis da psiquê humana: cognitivo, afetivo e comportamental. A maturidade, no nível cognitivo, diz respeito ao cultivo de uma fé bem informada, baseada na capacidade crítica de refletir e na capacidade em dialogar com o mundo, sem diluir-se nele. Neste sentido, as pessoas buscam se desvencilhar do ambiente infantilizador que oferecia conteúdos prontos e enquadrados dentro de uma pastoral imutável para migrar para espaços que proporcionem uma boa reflexão bíblica e teológica e que ajude no diálogo com as questões vitais contemporâneas.

A maturidade na dimensão afetiva proporciona à pessoa superar a vivência de religiosidades baseadas na dinâmica compensatória e centralizadora do ego. A psicologia nos adverte que são muitas as realidades em que a vida cristã se torna refúgio para pessoas inseguras e frustradas que procuram uma resposta a seus problemas não resolvidos. Na obra *Crer depois de Freud*, Domingues Morano traz uma interessante análise sobre a dimensão da maturidade e da imaturidade no campo afetivo, afirmando que o homem e a

mulher devem fazer a passagem do "Deus da criança ao Deus de Jesus", o qual nos interpela a ir além das representações mobilizadoras de fantasias infantis (Morano, 1992, p. 117-139).

A dimensão comportamental orientada a partir da experiência de maturidade solidifica uma práxis de vida comprometida com o Reino vivido e anunciado por Jesus. É estéril uma fé que se alimente de devoções e práticas religiosas, mas que esteja à margem da vida ativa, social, profissional e política. O caráter que marca a maturidade supõe uma relação de coerência entre fé professada e fé vivida.

Ainda que o humano seja o lugar da expressão da graça de Deus, devemos estar atentos para que algumas tendências imaturas não ofusquem a presença divina em nós, e a nossa fé se dilua em verbalizações piedosas do que nunca realmente fez parte de nossa vida. A fé amadurecida se integra no todo da personalidade humana, ocupando o centro da pessoa e favorecendo profundas experiências com o Cristo ressuscitado. Desse modo, o cristão cumpre a meta de seu ser que é tornar realidade, do modo mais perfeito possível, a atitude de Cristo e formar Cristo em si (Gl 4,19), identificando-se existencialmente com Ele (Gl 2,20) e tendo-o como sua própria vida (Cl 3,4).

6 Renovar-se a partir da experiência originária

À primeira vista não parece muito apropriado olhar o passado, quando se quer falar do presente e do futuro da fé. No entanto, é muito importante. O passado, quando é um passado fundante, não fica para trás, mas permanece, sempre, como tarefa fecunda que alimenta o presente e orienta os caminhos para o futuro. A busca pela retomada do passado não é nova. Desde os ares que permeavam o Concílio Vaticano II se propunha uma volta aos primórdios da fé, descrito no insigne axioma da "volta às fontes". Torna-se importante sublinhar que a "volta às fontes" não pode ser uma repetição arqueologizante do passado, mas um traslado atualizador, isto é, um trazer para o presente o que está sendo lembrado.

A fonte primigênia a que somos chamados a

voltar é o próprio Jesus, que nos apresenta um Evangelho de liberdade e nos convida a vivê-lo pessoalmente. Para retornar à experiência originária, faz-se necessário entrar na escola do Mestre e, aos poucos, entender o princípio da verdadeira liberdade que permite reinterpretar a concepção historicamente situada e determinada do seguimento na Galileia: "Se alguém quer vir em meu seguimento renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me, pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á, mas quem perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, salva-la-á" (Mc 8,34-35). O convite é para descentralizar-se de seu próprio ego, assumindo o projeto de Jesus como meta da própria vida.

A escola de Jesus tem uma pedagogia própria, que não se impõe, mas se apresenta como uma oferta gratuita de aprendizado para quem busca fazer a experiência com Ele e tornar-se seu anunciador. Em primeiro lugar, precisamos aprender a autoridade do Mestre (exousia), o que equivale a uma coerência pessoal. Esta coerência deve ser experimentada pelos discípulos, para que também eles possam transmitir o estilo de vida vivido pelo Mestre, de forma singular. A autoridade Jesus é diferente daquela dos escribas e fariseus porque provém de Deus, pois o Evangelho anunciado por Ele tem sua fonte no Pai.

A pedagogia de Jesus nos auxilia a afastar-nos da arrogância e da fantasia de nos sentirmos superiores, totalmente responsáveis pela adesão das pessoas a Deus. A experiência da gratuidade nos liberta do ativismo e da obrigação de obter resultados ou da angústia de não ter feito nunca o suficiente. Jesus faz ressoar a voz do Evangelho dentro de um quadro humano singular, sempre marcado por um clima de hospitalidade. Olhando para Jesus aprendemos que, com muita discrição e respeito, Ele reúne todas as condições favoráveis para deixar Deus agir nas pessoas que encontra no seu caminho. Ele ajuda as pessoas a fazerem sua própria experiência de Deus: "Minha filha, tua fé te salvou" (Mc 5,34). Esta realidade nos leva a pensar como deveriam ser nossos anúncios hoje: despretensiosos e gratuitos, deixando espaço para a criatividade acontecer, pois

a fé só pode surgir livremente do íntimo de seus interlocutores.

Este caráter diferenciado de propor a fé, marcado pelo ensinamento de Jesus, fortaleceu o caminho do cristianismo desde suas origens. Assim, as primeiras comunidades testemunharam o Evangelho de liberdade alicerçadas na experiência feita com o Senhor ressuscitado, na certeza de que Ele continuava vivo em seu meio. Esta certeza alimentou a fé das comunidades cristãs de todos os tempos, não as deixando sucumbir em meio às dificuldades.

Uma imagem significativa das origens cristãs nos é oferecida pelo livro do Apocalipse, na exortação às sete Igrejas que estão sendo sacudidas em meio às tribulações externas e internas (Ap 2-3). Eis o que é dito às Igrejas, a este respeito: Éfeso: recorda-te, de onde saíste. Converte-te e pratica as obras anteriores (Ap 2,5); Esmirna: nada temas das coisas que estás a sofrer, sê fiel até a morte e te darei a coroa da vida (Ap 2,10); Pérgamo: Converte-te, pois, senão venho a ti em breve e guerrearei contra eles com a espada da minha boca (Ap 2,16); Tiatira: aquilo que tendes, segurai com firmeza, até que eu tenha vindo (Ap 2,25); Sardes: recorda-te, pois, como recebestes e escutaste e guarda e converte-te (Ap 3,3a); Filadélfia: venho brevemente. Segura com firmeza aquilo que tens para que ninguém tome a tua coroa (Ap 3,11); Laodiceia: sê, pois, zeloso e converte-te (Ap 3,19).

A conversão exigida por Cristo a estas comunidades, não significa um novo direcionamento de vida, mas um retorno ao passado, às boas obras e aos atos de amor para com Deus e de amor mútuo entre os fiéis, que haviam caracterizado os primeiros tempos da Igreja. A Igreja é chamada a voltar-se à experiência primigênia do primeiro amor, para assim se manter perseverante na fé e no testemunho de Cristo. Como foi dito acima, neste retorno às origens é preciso buscar o equilíbrio: não basta uma repetição artificial, nem um voluntarismo sem fundamento. O caminho está em recuperar, de alguma maneira, o entusiasmo original através do contato com a própria experiência e da compreensão viva tanto de seu

sentido como do propósito de sua missão.

A volta à primeira experiência pode ser renovadora porque resgata novamente o gosto pelo Evangelho que havia sido esquecido. Deste modo, a fé pode novamente ser gestada na vida das pessoas e comunidades, iluminando, assim, o diálogo cristão com o mundo contemporâneo. A fé se situa entre a anamnese e a profecia, convém compreender a necessidade de caminhar entre estas duas grandezas, superando as tensões e transformando as energias em fontes de renovação.

Considerações finais

Tendo presente que a pedagogia cristã passa muito mais pela questão do diálogo do que pela imposição de verdades prontas, a proposta do capítulo foi a de mostrar que a articulação da fé no mundo contemporâneo deve ser feita a partir de uma experiência pessoal. Experiência que possa favorecer às pessoas a vivência da práxis de Jesus no cotidiano de suas vidas.

Neste tempo de fratura e de reconstrução, a proposta da experiência da fé não surge como meta para salvar a "móvel" antiga da evangelização, mas como uma atitude pessoal e comunitária que se coloca a serviço do novo que nasce.

O aporte oferecido neste artigo recai sobre a reflexão da articulação da fé no mundo contemporâneo, temática crucial nos dias de hoje. Em nosso tempo, somos convidados a formular o anúncio a partir da mensagem pascal, carregada de uma esperança geradora de vida nova. A mensagem que as mulheres ouviram diante do túmulo vazio (Mc 16,1-8; Mt 28,1-10).

Tal mensagem dirigida às mulheres ante o lugar que representa a morte é motivadora de uma reflexão expressiva a respeito da fé contemporânea: elas veem simplesmente a ausência no sepulcro, ou seja, não veem nada. E o comunicado que lhes chega neste momento em que a intuição seria permanecer fixadas à morte, as devolve ao lugar da vida: "Ele não está aqui. Ele ressuscitou dos mortos e vai à vossa frente para a Galileia. Lá o vereis" (Mt 28,5-7).

A Galileia se torna o lugar atual onde devemos

dar razões de nossa fé, propondo uma mensagem de vida e esperança que não se baseie na frieza da morte. Embora atravessando a dura prova da existência, a última palavra que merece ser pronunciada é a de ação de graças que leva ao abandono no amor de Deus, na certeza de que nada poderá separar deste amor aquele que fez a experiência com o Ressuscitado (cf. Rm 8,39).

Referências

- BACQ, Philippe. Para uma pastoral de gestação. In: THEOBALD, Christoph; BACQ, Philippe (org.). *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 7-34.
- BINGEMER, Maria Clara. A espiritualidade hoje: novo rosto, antigos caminhos. In: TRASFERETTI, José; GONÇALVES, Paulo Sérgio. *Teologia na pós-modernidade: abordagens, espirituais, sistemáticas e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 361-404.
- BOMBONATTO, Vera Ivanise. *O seguimento de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- DAVIAU, Pierette. Espiritualidade de gestação. In: THEOBALD, Christoph; BACQ, Philip (org.). *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 175-190.
- DONEGANI, Jean Maria. Inculturação e gestação do crer. In: THEOBALD, Christoph; BACQ, Philippe (org.). *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 35-56.
- FOSSION, André. *O Deus desejável*. Proposição da fé e iniciação. São Paulo: Loyola, 2015.
- FOSSION, André. Uma sociedade em que a fé se abre à livre escolha. *Pastoral Catequética*, n. 6, 2006, p. 103-111. Disponível em: https://www.educris.com/v3/centrorecursos/download.php?t-doc&f-pastoral_catequetica_6_210629090152.pdf. Acesso em: 10 jan. 2026.
- FOSSION, André. Que anúncio do Evangelho para o nosso tempo? In: THEOBALD, Christoph; BACQ, Philip (org.). *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 35-64.
- MORANO, Carlos Domingues. *Orar después de Freud*. Madrid: San Pablo, 1992.
- NOLAN, Albert. Ser cristão hoje. *Concilium*, Petrópolis, v. 2, n. 340, p. 51-60, 2001.
- RADCLIFFE, Timothy. Será que o cristianismo faz a diferença? *Concilium*, Petrópolis, v. 2, n. 342, p. 19-28, 2001.
- SESBOUÉ, Bernard. *L'avvenire della fede: la teologia del XX secolo*. Milano: San Paolo, 2009.
- SCHILLEBEECKX, Edward. Identidade cristã: desafio e desafiada. A propósito da extrema proximidade do Deus não experimentável. *Igreja e missão*, v. 60, n. 204, p. 409, jan. 2007.

SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação: estrutura e conteúdo*. São Paulo: Loyola, 1992.

SOBRINO, Jon. Ser cristão hoje. *Concilium*, Petrópolis, v. 2, n. 340, p. 87-97, 2001.

VAN ROO, William A. Experience and theology. *Gregorianum*, Roma, v. 66, n. 4, p. 611-640, 1985.

Valdete Guimarães

Doutora em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte, Brasil. Professora do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí (ICESPI), Teresina, PI, Brasil.

Endereço para correspondência

Valdete Guimarães

Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí
Rod. Palmeirais (PI-130), Km 8, 2960
Angelim, 64034-070
Teresina, PI, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.